



AS TURBULÊNCIAS DA ADOLESCÊNCIA

Como lidar com adolescentes?

As mudanças trazidas pela adolescência afetam tanto os jovens quanto seus pais e professores. Se, por um lado, os pais precisam ser compreensivos a respeito das transformações dos filhos, estes devem ser flexíveis para compreender o ponto de vista dos mais velhos. É o famoso “conflito de gerações”. Nesta reportagem de capa, a revista Seareiro procura abordar alguns aspectos dessa questão, do ponto de vista da Doutrina Espírita e da psicologia.

A adolescência está relacionada a um período de questionamento, de dúvidas, de incertezas. Como ajudar esse adolescente a se encontrar com o seu verdadeiro “eu”? A encontrar sua identidade, se conectar com suas crenças e valores morais e espirituais? Adiantamos que os textos a seguir não fornecerão respostas prontas e acabadas a essas questões, mas ajudarão a considerar alguns aspectos que podem ter sido esquecidos.

Pensando no adolescente, refletindo sobre a família

“Os problemas do mundo – e eles são relatados diariamente em manchetes de violência e desespero – são, essencialmente, os problemas dos indivíduos. Se os indivíduos podem se modificar, então o mundo pode ser modificado.”

Thomas A. Harris

Maria Alice Diomede

Ao refletir sobre as palavras desse pensador, educador e psicólogo norte-americano, nos vem à mente a questão: “Como os indivíduos podem se modificar?” Podemos dizer que todos nós conseguimos nos modificar de várias formas: lendo, estudando, participando de movimentos sociais e religiosos, etc. Mas, sem dúvida, o eixo de nossa mudança está na família, na convivência com aqueles que amamos, por meio de ensinamentos e exemplos. Essa questão nos remete às palavras de Emmanuel (o iluminado instrutor espiritual): “Toda construção moral do reino de Deus, perante o mundo, começa nos alicerces invisíveis da luta em casa”.

Unindo os dois conceitos anteriores – do psicólogo norte-americano e de Emmanuel – veremos que, se os indivíduos podem se modificar para melhor e se a construção moral começa no lar, a família constitui a base sobre a qual se poderá erguer um mundo melhor. Falando em modificações e família, não podemos deixar de mencionar que a própria família tem hoje uma estrutura bem diferente do que foi no passado com suas novas formações de união conjugal e relacionamento com os filhos. Porém, continua e continuará sendo a base, o fundamento dos valores para as novas gerações. É inerente ao ser humano o desejo de ser valorizado, reconhecido, aceito nos ambientes em que convive e, principalmente, entre seus familiares. Mas... O que ocorre nas famílias? Por que tantos conflitos, tanto isolamento, tanta incerteza? Vivemos na atualidade o panorama de um mundo em crise moral de vários matizes, levando como bandeira a rebeldia fantasiada de autoafirmação. Essa rebeldia se mascara tão bem sob o manto do “despontar de novos valores” que consegue perturbar a ordem de ideias nobres em que

se deveria apoiar a família e como que “puxa o tapete” dos confusos e desorientados pais. O ponto principal dessa desorientação esbarra no adolescente que atinge aquele momento de questionamento, necessidade de maior liberdade e do surgir da observação mais acurada das falhas do mundo que os adultos oferecem para eles. É um momento rico do crescimento de uma individualidade.

Mas eles questionam valores, os pais vacilam e o campo minado se instala. A família se vê agredida de todos os lados: filmes e novelas de valores medíocres, comerciais incentivando um consumismo desenfreado, revistas, sites, etc., com apelos eróticos em exagero, constante convite à rebeldia. Surgem os pais que, temendo ser ridicularizados pelos jovens, preferem a omissão, passividade ou lamentação inócua. Torna-se urgente acreditar na força da união familiar, na coerência dos próprios valores, sem preconceitos ou rigidez, no poder do amor que implica respeito por si e pelo outro e na riqueza de um diálogo sincero.

O investimento deve ser firme e contínuo na estrutura familiar que, em vez de um campo de luta, seja um campo de crescimento para todos, seja um espaço para que se aprendam novas ideias e se mantenham as que valem para sempre na troca entre as gerações. Esse é o apelo que Jesus nos deixou, Kardec pontuou, Emmanuel reforçou e nosso coração pode fazer frutificar. A verdadeira família é a mais nobre instituição da humanidade; por isto vale lutar por ela! Não pegamos frutos imediatos, ainda estamos caminhando, mas, cansados ou não, sigamos em frente ao lado dos adolescentes – eles são um sinal amarelo no trânsito de nossas vidas e mostram com frequência o famoso alerta: “cuidado... Vai ficar vermelho!!”



Filhos adolescentes: espíritas ou céticos?

Limites e valores de vida são das coisas mais importantes
que os pais podem legar a seus filhos

Maria Regina Ramos de Andrade

Têm chegado ao nosso conhecimento casos de jovens filhos de espíritas dedicados, que abandonam e negam na adolescência a doutrina em que foram criados. Procuremos analisar essa delicada questão.

A adolescência é para o jovem uma fase de muita instabilidade: seu corpo é uma caixinha de surpresas: cresce de maneira desigual e a olhos vistos, adquire pelos, seios, voz alterada... Até seu rosto e cabelos se modificam! Além disso, como entender e lidar com as próprias variações emocionais intensas e inesperadas? O adolescente se fragiliza, enquanto busca adaptar-se ao novo. Seu raciocínio ajudará muito nessa tarefa, já que lhe traz novos voos: do concreto, intuitivo e mágico da fase infantil, passou a permitir abstração

e maior racionalidade. Se ele foi uma criança ativa, realizadora, independente, imaginosa e autoconfiante, na adolescência terá tais qualidades amplificadas. Sentirá, é lógico, incertezas, angústias, dúvidas. Serão, porém, passageiras. Não precisará defender-se contra o próprio crescimento. Enfrentará sadiamente o desafio de tornar-se adulto, pilotando o barco do raciocínio no mar das emoções revoltas que atravessará ainda por alguns anos. O jovem com firmes alicerces de confiança, autoestima e segurança será rebelde, afirmativo, questionador e apaixonado, ativo e desejoso de tomar posse de seu quinhão de vida jovem.

O quadro é muito diferente se o jovem foi uma criança submissa, dependente e medrosa. A adolescência



acentuará seus medos e carências, a ponto de, em muitos casos, tornarem-se dolorosamente insuportáveis. O corpo em mutação fará acentuarem-se angústias e sentimentos de inadequação. O que fará com as novas possibilidades de raciocínio? (É preciso navegar, e o mar está excessivamente encapelado!)

Esse jovem tentará quebrar as amarras que sofreu na infância, e faz isto com violência e argumentos adquiridos em seu ambiente. Renova-se, mas sem o rumo e a orientação dos pais. Quer fugir às próprias angústias e à submissão infantil. Voltado para si próprio, será rebelde, afirmativo, questionador e apaixonado, mas ao fugir dos próprios alicerces, tenderá a negar valores dos pais, da escola e da religião em que foi criado.

Esse jovem, assim inseguro e rebelde, pode recorrer aos vários tipos de drogas disponíveis em nossa sociedade para aliviar a dor. Pode também recorrer à violência para se autoafirmar.

A adolescência apenas faz florescer a árvore cuja semente os adultos plantam e cultivam na infância dos filhos. Para a criança crescer autoconfiante, calma, ativa, independente e realizadora, deverá ser cuidada e disciplinada com grandes e equivalentes doses de energia e carinho.

Por que é tão difícil disciplinar?

Disciplinar os filhos é uma área cheia de conflitos para os pais modernos: frutos de uma educação muitas vezes autoritária e impositiva, muitos pais de hoje não querem tratar seus filhos como foram tratados. Entretanto, faltam-lhes modelos de como proceder. A diferença fundamental entre o comportamento dos antepassados e o dos pais atuais na disciplina das crianças, é que tudo o que o vovô fazia, era com autoridade. Hoje se faz tudo na dúvida.

O vovô, mesmo errado, agia com certeza; os pais de hoje, mesmo quando certos, hesitam. Temendo prejudicar os filhos, dizem “não” e “sim” sem outro critério que não o costume, o estado de ânimo ou a insistência maior ou menor da criança.

Aqueles que foram criados com disciplina repressiva tendem a deixar seus filhos na insegurança de um mundo sem normas. No entanto, limites e valores de vida são das coisas mais importantes que os pais podem legar a seus filhos. Limites dão à criança a segurança de saber que é protegida, até mesmo contra seus próprios impulsos. Por outro lado, valores (liberdade, confiança, respeito,

cuidado, atenção, carinho) vivenciados em família ensinam exemplos de boa convivência. Para muitos pais espíritas, entretanto, se há irritação e bate-boca, ou se o filho teimando em manter sua posição chora ou xinga, logo julgam, ou até ameaçam, pela atuação de um “Espírito obsessivo”... Tais pais delegam a esses supostos Espíritos a própria autoridade paterna, e levam sua criança a considerar que os Espíritos são fiscais invisíveis que tentam controlar seu comportamento. O que está sendo plantado nela?

» Sentimentos de culpa e sensação de impotência diante do próprio mundo íntimo.

» Medo e raiva do plano espiritual, já que Espíritos invadem, são cerceadores de liberdade, censores inoportunos.

É evidente que essa criança não nutrirá simpatia e confiança pelos “abelhudos” invisíveis que ficam de dedo em riste censurando o que ela está pensando e fazendo! Assim que crescer um pouco, procurará ver-se livre deles. A escola e o raciocínio materialista que impera em toda parte a auxiliarão.

Nota-se então que nessa questão delicada de abandono à doutrina e negação do mundo dos pais na adolescência, nem tudo é “coisa do passado reencarnatório” ou “obsessão”...

Infelizmente, na maioria das vezes, foram sementes de medos e culpas, que os próprios adultos plantaram no coração das crianças, que germinaram na adolescência como árvores de negação.

Não basta detectar problemas: é preciso instrução, com leituras e novos raciocínios, para que nossas ações reflitam soluções novas e adequadas e não mera acomodação em falsas e cômodas inverdades. A psicologia traz orientações preciosas para que se viva melhor.

Para encerrar, lembremos que os filhos, “antes de serem os rebentos temporários de nosso sangue, eram companheiros espirituais no campo da vida infinita, e, se voltaram ao internato de reencarnação, é que necessitavam atender ao resgate, junto de nós outros, adquirindo mais luz no entendimento”¹

Referência Bibliográfica

¹ Xavier, F.C., *Lázaro Redivivo* – FEB, R. Janeiro, 1957, 3ª Ed, p. 66-69.

Jovens rebeldes

Representam uma força vital transformadora e rebelde aos padrões estabelecidos

Maria Regina Ramos de Andrade

“Meu filho, antes tão amoroso e tranquilo, agora me enfrenta! Me contradiz na frente dos outros, não me obedece e ainda me critica!”, desabafa em meu consultório a mãe de Jonathan, adolescente de 14 anos. Com experiência semelhante à de milhares de outros pais, essa mãe surpreende-se com a alteração que ocorreu no comportamento de seu filho, que, de criança cordata, passou a jovem rebelde. Analisemos esse assunto com o auxílio da psicologia.

O que é rebeldia?

Em primeiro lugar, “rebeldia” é rótulo que abriga vários tipos diferentes de comportamento. Não nos referimos, nesta breve análise, à rebeldia patológica encontrada em quadros de doença mental. O presente artigo diz respeito ao tipo mais frequente de rebelião, o que ocorre como parte do processo de desenvolvimento humano. Rebelar-se faz parte do próprio processo de individualização. Para tornar-se pessoa autossuficiente e independente, é preciso que a criança vá aprendendo a conhecer as próprias características e sentimentos, o que acontece normalmente em fases de autoafirmação por rebeldia:

» Dos três aos cinco anos ocorre a *primeira fase de ruptura do “eu” com os outros*. Com o “não” e o “por quê?”, a criança passa a perceber que é uma individualidade.

» A *segunda fase de ruptura do “eu” com os outros* acontece na adolescência. É natural, saudável e de importância vital para o desenvolvimento sadio da personalidade.

Raciocínio e necessidade de afirmação do “eu” juntos possibilitam a essa pessoa quase adulta a revisão crítica dos valores dos grupos sociais de que faça parte. Agora o jovem tem posse plena do raciocínio abstrato, dedutivo, próprio do ser humano adulto e... incomoda os adultos à sua volta.

Quem são os jovens rebeldes?

Justamente por atravessarem fase natural do desenvolvimento, eles estão em toda parte. Rebelam-se contra o antigo, o preestabelecido, o costume. Recusam-se à obediência ou à fé cega, denunciando abertamente a falsidade e a hipocrisia nas relações humanas. Tudo criticam, demolindo convenções e dogmas a golpes de





raciocínio, entusiasmo e idealismo.

Estão insatisfeitos com a escola, com a sociedade, com a família e com a religião. Da tecnologia, aprovam o conforto, mas condenam eventuais privilégios de poucos em detrimento de muitos. São polêmicos, buscam descobrir e conhecer o mundo por si mesmos e procuram novas vivências de amor e de amizade. Representam uma força vital transformadora e rebelde aos padrões estabelecidos, força esta que choca as gerações mais velhas já acomodadas a costumes e convenções sociais.

A defesa da sociedade “adulta”

Como os adultos se defendem? “Adolescentes são considerados como espécie suspeita, até que provem sua inocência. Suas más ações repercutem em todo o grupo de idade; suas boas ações indicam apenas exceções que provam a regra”¹.

Observe que se um delito qualquer é cometido por um rapaz, os comentários costumam dizer que é “mais um crime da juventude atual, transviada, rebelde, delinquente, perdida ou imoral”.

Por outro lado, se um adolescente realiza um ato heroico, salvando alguém da morte, por exemplo, a opinião pública notícia o feito isolado de um indivíduo. O heroísmo é atribuído só a ele e ninguém fala em “juventude idealista, heroica, altruísta”.

Vemos assim que a sociedade ocidental estabeleceu um preconceito contra a juventude, ao lado dos outros preconceitos já mais admitidos e analisados, como por exemplo, os de cor, religião ou classe social.

Preconceito, seja ele qual for, é sempre uma forma de defesa psicológica de um grupo contra outro que é visto como ameaça.

Assim, a sociedade materialista, regida pelo dinheiro e pelo “desamor ao próximo como a si mesmo”, vê na juventude uma ameaça, discrimina-a e aponta como “errada”. Desampara-a e ataca-a com pensamentos negativos e atitudes agressivas...

O que fazer?

A solução que a psicologia aponta é a de que se procure superar o preconceito social contra os jovens, o qual todos, sem perceber, aprendem a ter. Sabe-se, por outro lado, que *a única forma de superar um preconceito é buscar perceber a pessoa do outro.*

Sendo assim, é preciso *fazer uma mudança de foco*, e aprender a perceber o jovem do mesmo modo como consideramos a nós mesmos:

Pessoas em evolução enfrentando desafios neste planeta de expiações e provas.

O jovem é sempre a promessa de um amanhã melhor: sua reencarnação foi projetada visando ao progresso, como ocorre com cada ser neste planeta. A fase de adolescência é penosa para ele, pois traz insegurança, fragilidade e aguda carência de afeto e compreensão. Não é nada fácil atravessar a explosão hormonal que em poucos anos altera completamente seu corpo e as demandas da sociedade...

A vulnerabilidade do jovem tem sido respondida a ele pelo mundo materialista atual com desconfiança e rejeição, condenação e violência.

Cabe a todos que sabem que Amor e Trabalho são o roteiro para um mundo melhor, amparar a juventude. Todos passam por ela a cada geração, promovendo o progresso do planeta.

Que tal preencher a própria vida com trabalho, semeando *exemplos* de compreensão e acolhimento?

Segundo o amigo Emmanuel, *“diante de todos os que começam a luta, a senha será sempre ‘velar e compreender’, a fim de que saibamos semear e construir, porque, em todos os tempos, onde a juventude é desamparada, a vida perece”*²

Referências Bibliográficas:

¹ Redl, F. – “Nossos problemas com a juventude rebelde” in W.C.Morse e G.M.Wingo (Eds.) – *Leituras de Psicologia Educacional*, S. Paulo 1973, p. 228-236.

² Xavier, F.C. (Emmanuel) – *Religião dos Espíritos* – Ed. FEB, R. Janeiro 1960, p. 122.

A crise existencial do ser humano e os questionamentos da adolescência

Maria Alice Diomede

A adolescência está relacionada a um período de questionamentos, dúvidas e incertezas. Poderíamos listar toda a gama de questões, tais como profissão, independência, liberdade, sexualidade, imagem corporal, vocabulário próprio (verdadeiro dialeto), músicas, lazer, leituras específicas e muita, muita tecnologia – um mundo diferenciado. Tudo dentro das mudanças comuns de uma geração para outra apesar das últimas mudanças parecerem um salto quântico no quadro social.

Contudo, não são essas dúvidas pontuais do adolescente que vamos abordar, mas a questão de uma dúvida bem maior que o envolve assim como ao ser humano de um modo geral. Vejamos algumas palavras do livro *A Gênese*, cap. IV – O Papel da Ciência – no qual Kardec tratou deste tema. O texto coloca:

“No tocante ao futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade dá lugar a um penoso vácuo. O homem encara com ansiedade o desconhecido em que tem fatalmente de penetrar. Gela-o a ideia do nada. Diz-lhe a consciência que alguma está reservada para além do presente. Que será? Sua razão, com o desenvolvimento que alcança, já não lhe permite admitir as histórias com que o acalentaram na infância. A ciência lhe rasgou um canto do véu; não lhe revelou, porém, o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde de maneira peremptória e apropriada a lhe acalmar as apreensões. Por toda parte depara com a afirmação a se chocar com a negação, sem que de um lado ou de outro se apresentem provas positivas. Daí a incerteza, e a incerteza sobre o que concerne à vida futura faz que o homem se atire, tomado de uma espécie de frenesi para as coisas da vida material. Esse é o inevitável efeito das épocas de transição: rui o edifício do passado sem que ainda o futuro se ache construído. O homem se assemelha ao adolescente que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos próprios da maturidade. Apenas sente vagas aspirações que não sabe definir.”

A conexão de Kardec entre as dúvidas existenciais do ser humano e do adolescente diante do limiar da vida adulta é profundamente verdadeira e nos alerta para a saída mais imediata que se tem encontrado: focalizar a atenção no que é palpável – a vida material. Com isso, o ser humano se volta para o que enxerga e se afasta da busca de um sentido transcendental de seu viver, de seu

existir. Ao fazer isso, perdeu a referência de seu caminho e, como disse Hubert Rohden em *A Educação do Homem Integral*, perdeu o seu próprio endereço. Não sabe mais qual é o seu destino, qual a finalidade de sua existência e nega até mesmo a existência de uma finalidade.

Se o homem moderno “perdeu seu endereço”, de nada vale correr cada vez mais e, aceleradamente, intensificar a instrução do ego pela ciência e pela técnica, desconhecendo o Eu e para onde levá-lo. O principal não é andar e correr muito – o principal é saber para onde está indo. Essa orientação surge da percepção profunda de que todo o progresso da ciência e da tecnologia tem uma razão maior de ser.

Einstein afirmou: “O progresso da ciência e da técnica é, certamente, uma coisa maravilhosa, mas a ciência não nos pode indicar nenhuma meta certa, nem pode justificar todo este esforço, não pode fornecer ao homem nenhuma finalidade certa de sua existência terrestre. Essa certeza não vem do descobrimento de fatos que são o escopo da ciência; a única certeza da finalidade de nossa existência vem da criação de valores dentro de nós mesmos”.

O mundo dos fatos é o mundo que se ocupa da instrução; o mundo dos valores é o mundo do Eu, que é o escopo da educação. Aqui chegamos ao eixo de nossa questão, o mundo do adolescente, repleto de dúvidas, cobranças de um mundo melhor, inseguranças de toda ordem, sonhos e planos mil e toda uma gama enorme de questões. Tudo isso merece o respeito dos mais velhos, a análise e possível acolhida às suas ideias, a prática da parceria de gerações que só acontecerá se os adultos construírem, em primeiro lugar, o seu próprio sentido maior de vida; se colocarem Deus em suas vidas para poder passar aos jovens inquietos e questionadores o Sentido da Vida. Isso acontecerá quando o mundo todo colocar a Instrução de mãos dadas com a Educação Integral do Ser Humano.

Maria Alice Diomede Psicóloga clínica, com especialização em Terapia de Casal e orientação vocacional. Fez parte do grupo de expositores e deu início aos trabalhos de Palestras para Pais e do Curso de Expositores da Seara Bendita. Coordenadora da coluna Psicologia da revista Seara.

Maria Regina Ramos de Andrade Psicóloga clínica, especialização em Psicossíntese e Hipnoterapia; professora da Escola de Educação (USP); expositora no curso de Educação Evangélica na Seara Bendita; expositora no Grupo Espírita Casa do Caminho e no Grupo Espírita Noel.